

Do design autoral ao design editorial: Um livro sobre Vitor Alves Ramil

The authorial design to the editorial design: A book about Vitor Alves Ramil.

Resumo

Ser autor no design pode ser ainda mais complicado do que em qualquer outra área. Como dito por Rock (2002, *apud* WEYMAR, 2010, p. 120), as práticas institucionais às quais estamos geralmente submetidos tornam difíceis sinais de autoexpressão. Entretanto, Rock nos apresenta o crítico Andrew Sarris que, também interessado nessa problemática, decide especular uma forma para que artes como o cinema e o design, possam apresentar uma figura de autoridade central. Assim, incentivadas por essas grandes questões teóricas, que tanto implicarão na nossa forma de fazer design, nos juntamos ao projeto de pesquisa “O designer como autor”, do curso de Bacharel em Design Gráfico da Universidade Federal de Pelotas e resolvemos, enquanto autoras, homenagear outro autor. Vitor Alves Ramil, que tanto contribuiu para a propagação da cultura gaúcha, terá sua trajetória ilustrada em um livro por meio de fotografias, ilustrações e tipografia.

Palavras Chave: autor; editorial; ramil.

Abstract

*Being an author in design can be even more complicated than in any other field. As said by Rock (2002, *apud* WEYMAR, 2010, p. 120), the institutional practices to which we are usually submitted make it hard to show signs of self-expression. However, Rock presents us the reviewer Andrew Sarris which is also interested in this issue and so he decides to speculate a way of arts as cinema and design to show a figure of central authority. So, encouraged by those big theoretical issues, that will imply in our design process, we joined in “The designer as an author” (our translation) research project of Bacharel em Design Gráfico of Universidade Federal de Pelotas and decided, as authors, honor another author. Vitor Alves Ramil, who contributed so much to Rio Grande do Sul cultural practices, will have its course in a book illustrated by photographs, illustrations and typography.*

Keywords: author; editorial; ramil.

Introdução

O presente trabalho desenvolve-se a partir do projeto de pesquisa “O designer como autor”, idealizado e coordenado pela professora Lúcia Weymar, do curso de Bacharel em Design Gráfico da Universidade Federal de Pelotas. Sob orientação das professoras Ana Bandeira e Maria de Lourdes optou-se, dentro das diversas áreas contempladas pelo design autoral, pela produção de um livro sobre Vitor Alves Ramil.

Vitor Ramil é um cantor, compositor e escritor pelotense conhecido por suas melodias e harmonias elaboradas e letras que fogem do lugar comum, como suas composições de milongas, estilo musical recorrente na região dos pampas. Seu estilo é bem definido, fazendo referência geralmente ao Rio Grande do Sul e sua cidade natal. Possui três livros publicados (*Pequod*, 1995; *A Estética do Frio*, 2004; e *Satolep*, 2008) e nove CD’s lançados a partir de 1981. A ideia de homenagear este músico surgiu, principalmente, depois da “descoberta” do livro “A estética do Frio” (RAMIL, 2004) que tenta estabelecer/reconhecer uma estética rio-grandense, que em nada (ou quase nada) se assemelha à brasileira. O projeto de criação do livro tem como objetivos homenagear Ramil e mostrar aos leitores seus diversos trabalhos e as diferentes áreas pelas quais este artista transita. Pretende-se desenvolver um projeto autoral a resultar num design “menos focado em prestação de serviços e mais ligado às possibilidades expressivas e autorais” (WEYMAR, 2012), baseando-se nos conceitos e nas referências estudadas até então, utilizando-se de recursos gráficos como ilustração, fotografia e tipografia para construir uma narrativa que exponha a trajetória de Vitor Ramil.

Problematização

A etimologia da palavra autor remete a “ampliar”, “aumentar”. As primeiras definições se referem a algo como “a pessoa que origina” e outros usos carregam um sentido autoritário e patriarcal (WEYMAR, 2010, p. 119) De qualquer desses vieses, a questão acerca da autoria na produção de design é muito intrigante. E foi com textos ora contraditórios, ora convergentes, que Barthes (2004) e Foucault (1992), ambos teóricos franceses, nos ajudaram a elucidar mais esse assunto.

Não importa quem fala, importa?

Segundo Barthes (2004), o que fala é a linguagem e não seu autor ou a intenção dele. Não faz sentido, assim, buscar quem era esse sujeito-autor, onde viveu, qual era seu repertório ou intenção. O que importa é a enunciação.

Já Foucault (1992) analisa o autor historicamente, considerando que o nome autor também caracteriza o discurso e faz com que esse tenha características diferentes de algo passageiro, imediatamente consumível. Segundo ele, o autor é o que permite que os discursos se organizem numa sociedade e sendo assim, uma posição passível de ocupação de qualquer indivíduo. Ele ainda diz que os autores são iniciadores ou instauradores, produzindo suas próprias obras criando condições para outros textos.

Na sociedade existem discursos que são providos da função de autor e os que não são. Dentre os primeiros, Foucault reconhece algumas características, como por exemplo, o fato dos discursos serem objetos de apropriação. Isto é, antes de serem bens de propriedade, eles eram atos e gestos e a individualização dos autores tornou possível punir aqueles que com seus discursos criassem revoluções, ou seja, transgredissem.

Apesar de pertinente as considerações de Barthes, Agaben (2007, p. 55) nos relembra que “o mesmo gesto que nega qualquer relevância à identidade do autor afirma, no entanto, a sua irredutível necessidade” e encerra aí grande parte da discussão a cerca da importância do autor.

Não importa quem projeta, importa?

Michael Rock, a partir dos anteriores instauradores, apresenta-nos algumas definições do que viria ser design autoral. Essa questão nos interessa porque na posição de designers, estamos destinados a criar mais meios de comunicação do que as mensagens em si. Essa teoria a cerca da autoria pode sugerir novas abordagens; contudo, ciente das existentes noções conservadoras de brilhos individuais, Rock pede cuidado ao levantar essas questões.

Segundo Rock, o “facilitador sem rosto” (ROCK, 2002, p. 238, apud WEYMAR 2010, p. 120) – designer – está pronto para se mostrar. Contudo, como ele mesmo exemplifica, é difícil para estes, num cenário colaborativo, imaginarem que mensagens pagas para serem específicas possam conter algo de autoral. Para piorar ainda mais o cenário, o autor aponta que, na verdade, diferente das artes visuais, por exemplo, o design nunca teve uma figura de autoridade central.

Rock (2002, p. 241 – 242), entretanto, apresenta-nos várias formas de como o design poderia ser autoral. Uma dessas, o livro de artista, o que o autor também diz ser um dos modelos mais puros de design autoral, trabalha com experimentos visuais e não comerciais, com talvez ausência de aplicação prática. Outro exemplo seria uma criação de narrativa onde o designer é chamado para dar sentido a uma quantidade de material sobre um artista específico.

De posse dessas duas classificações, criamos nossa própria: um livro de artista sobre outro autor. Um autor que faz jus ao seu título de autor, que cria e conceitua aquilo em que todos pensavam, mas não sabiam explicitar conscientemente. Vitor Ramil, o cantor, compositor e escritor que tanto sente necessidade de contar ao mundo onde fica Pelotas, como é o Rio Grande do Sul e tudo mais que povoa esse centro de uma nova história. E tudo isso num formato de livro, imagético, porém também textual, para se carregar pela cidade, para ser companheiro de um café e uma prosa.

Metodologia

De posse do tema e problema de pesquisa definidos e a devida explanação acerca do design autoral, passou-se à prática do projeto. Porém, por se tratar de um projeto autoral, iniciado pelas designers e não sob uma demanda, toda e qualquer metodologia utilizada como base, traria à tona apenas as diferenças de um projeto contratado e um projeto autoral, reforçando a ideia anteriormente explicada. De toda forma e, com base no conhecimento sobre as diversas metodologias projetuais, optamos por seguir o pensamento do argentino Jorge Frascara (2006), uma vez que, para que nosso projeto pudesse criar forma, tivemos de passar por uma intensa etapa de pesquisa acerca da produção artística de Vitor, incluindo pesquisa independente. O recolhimento de informações incluiu também fotos de diferentes janelas da cidade de Pelotas que, mais tarde, viriam a compor as capas propostas por cada uma das autoras para o projeto do livro. A isto o autor citado nomeia etapa 2¹, de colher

¹ Este projeto, ao contrário do que propõe Frascara não se inicia na etapa 1, de "Encargos do projeto" (Frascara, 2006), pois não é um trabalho feito sob demanda do cliente, mas iniciado pelas próprias autoras.

informações. Definimos que, ao contrário do que fora pensado inicialmente, não utilizaríamos apenas a obra “Estética do Frio”, mas sim a vida do autor como um todo. Isto aconteceu na 3ª etapa do projeto, quando, através da triagem das informações e conhecimentos adquiridos, as primeiras idealizações do projeto foram reavaliadas, conforme etapa 3, por ele chamada de “Segunda definição do problema” (Frascara, 2006). No momento de início da produção, e mesclando as etapas 4 e 5 (de definição do projeto que vai ser produzido e da produção, de fato), chamadas de “Especificação da execução do design” e “Terceira definição do problema” (Frascara, 2006), com a permissão da professora responsável pela disciplina de Design Editorial, que neste caso é também a orientadora do projeto, utilizamos parte da carga horária da disciplina para elaboração das propostas de capas do projeto. Por conseguinte, foi dado início à etapa de diagramação do miolo do livro, que diferente do processo adotado para as capas, agora terá apenas um projeto gráfico como base.

Resultados Parciais

Baseando-se no conceito de design autoral, o projeto deste livro pretende abordar, ilustrar e, sobretudo, homenagear, as diversas facetas do cantor, escritor e compositor Vitor Ramil. O título, inclusive, tenta mostrar outro lado de Vitor, ao levar como primeira palavra, um dos sobrenomes do artista que menos é divulgado. O projeto resultará na criação de um mesmo livro com três versões diferentes de capas, desenvolvidas pelas três alunas integrantes do projeto de pesquisa.

A ligação entre as três capas se estabelece através de dois elementos principais: uma cinta externa, (que funciona quase como uma sobrecapa e é comum aos três projetos) que objetiva a criação de uma identidade; e a utilização de imagens de janelas, trabalhadas de formas diferentes dentro de cada capa. A escolha deste elemento visual partiu de uma definição conceitual do termo “janela”: permissão de passagem de pensamentos, formação de ideias e novas possibilidades. O cantor Vitor Ramil utiliza-se destas janelas ao criar conceitos e nomes particularizados, proporcionando novas visões e conceitos formadores do Rio Grande do Sul. Os projetos das três capas diferenciam-se através da inspiração de cada aluna em um determinado capista. Três destes foram escolhidos de acordo com o gosto pessoal do grupo: Eugenio Hirsch, Bea Featler e Coralie Bickford-Smith. A partir daí, estabeleceram-se elementos que norteariam cada capa: tipografia, fotografia e ilustração, utilizando-se como referência cores, tipografias, formas, ilustrações, fotografias e outros elementos de cada capista.

Referências

FRASCARA, Jorge. **Diseño de comunicación, El.** Buenos Aires: Consorcio de Editores, 2006.

RAMIL, Vitor. **Satolep.** Cidade, Cosac Naify, 2008.

RAMIL, Vitor. **Estética do Frio.** Cidade, Satolep Livros, 2ª Ed. 2009.

WEYMAR, Lúcia Bergamaschi Costa. **Design entre aspas: indícios de autoria nas marcas da comunicação gráfica.** 2010. Tese (Doutorado em Comunicação) Faculdade dos Meios de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2010.